

# DESCRIÇÃO FÍSICA DA TERRA

Immanuel Kant (1724-1804)

## INTRODUÇÃO

1.

Devemos, antes de mais nada, dirigir a nossa atenção sobre as fontes ou a origem dos nossos conhecimentos, mas a seguir, também sobre o plano da sua desordem ou sobre a forma, ou seja, como esse conhecimento pode ser ordenado. De outra forma, não teremos a condição de acessá-los quando precisamente necessitamos. Por conseguinte precisamos dividi-los em determinadas disciplinas.

2.

As fontes ou a origem dos nossos conhecimentos: tiramo-los, em suma, ou da razão pura ou da experiência, a qual (continua) ela própria a instruir a razão.

A nossa razão dá-nos os conhecimentos racionais puros; mas os conhecimentos experimentais ganhamos pelos sentidos. Pois agora nossos sentidos não ultrapassam o mundo: assim, nossos conhecimentos experimentais também se estendem apenas sobre o mundo atual.

Assim como temos, contudo, um sentido duplo, um externo e um interno: assim podemos, pois, considerar, conforme um e outro, o mundo como essência (ou a mais alta representação) de todos os conhecimentos experimentais. O mundo, como objeto do sentido externo, é natureza, mas como objeto do sentido interno, é a alma ou o homem.

As experiências da natureza e do homem constituem juntos o conhecimento do mundo. A Antropologia nos ensina o conhecimento do homem, o conhecimento da natureza devemos à Geografia física ou à descrição da terra. Sem dúvida, não há experiências no sentido rígido, mas sim, apenas, percepções, as quais tomadas em conjunto, constituiriam as experiências. Tomamos aqui, efetivamente, aquela expressão apenas como significado ordinário de percepções.

A descrição física da terra é então a primeira parte do conhecimento do mundo. Ela faz parte de uma idéia, que se poderia denominar como um conjunto de ensinamentos introdutórios ou básicos para o conhecimento do mundo. A aula da mesma parece ainda ser muito deficiente. Contudo é precisamente ela, da qual se está em condições de fazer, em todas possíveis relações da vida, o emprego mais útil. Por conseguinte, torna-se necessário, dela se fazer entendida como um conhecimento, o qual se pode completar e retificar pela experiência.

Nós antecipamos nossa futura experiência, a qual teremos posteriormente no mundo, por uma aula e um esboço geral desse tipo, o qual nos dá como que uma pré-noção de tudo. Daquele, que faz muitas viagens, fala-se, que ele vive o mundo. Mas para o conhecimento do mundo é preciso mais, do que apenas vê-lo. Quem quer tirar proveito da sua viagem, precisa, já antecipadamente, traçar um plano para sua viagem, mas não considerar (ou encarar, contemplar) o mundo apenas como objeto do sentido externo.

A outra parte do conhecimento do mundo trata do conhecimento do homem. O tratamento com os homens alarga nossos conhecimentos. Contudo é necessário dar, para todas as experiências futuras, um exercício preliminar, e isto faz a Antropologia. Com ela familiariza-se com o que no homem é pragmático e não especulativo. O homem, aí, não é considerado fisiologicamente, para se distinguir as fontes dos fenômenos, mas sim cosmologicamente.

Falta ainda muito em uma instrução, de como se conseguir a aplicação de seus conhecimentos prontamente adquiridos e fazer uso (útil) destes, conforme um de seus entendimentos (ou razões, juízos), assim como das relações, nas quais se está colocado,

ou de dar a nossos conhecimentos o sentido prático. E isto é o conhecimento do mundo.

O mundo é o substrato e a cena, em cima do qual se passa o jogo da nossa habilidade. Ele é o chão, em cima do qual os conhecimentos são adquiridos e aplicados. Mas a fim de que o exercício (ou a prática) possa ser feito, precisa-se conhecer a qualidade (a natureza) do sujeito, sem a qual o primeiro se torna impossível.

Além disso, porém, precisamos conhecer também os objetos da nossa experiência do todo, de modo que os nossos conhecimentos não formem um agregado, mas sim um sistema; pois no sistema o todo está antes das partes, pelo contrário do agregado, em que as partes estão antes aí.

Esta condição coloca-se em todas as ciências, as quais produzem em nós uma combinação, por exemplo, com a enciclopédia, onde o todo somente aparece em concatenação. A idéia é arquetônica; ela cria as ciências. Quem, por exemplo, quer construir uma casa, tem primeiro uma idéia do todo, da qual depois as partes derivarão. Assim, então, a nossa presente preparação é também uma idéia do conhecimento do mundo. A saber, fazemos aqui igualmente uma idéia arquetônica, a qual é uma noção, do qual o diverso (ou o variado) é deduzido do todo.

O todo aqui é o mundo, a cena, sobre o qual montaremos todas experiências. O tratamento com os homens e as viagens alarga a proporção de todos nossos conhecimentos. Esse tratamento ensina-nos a conhecer o homem, mas, se este fim deve ser alcançado, isto requer muito tempo. Mas, se já estamos preparados pela instrução: então já temos um todo, uma essência (ou a mais alta representação) dos conhecimentos, a qual nos ensina a conhecer o homem. Agora estamos em condições de indicar, em toda experiência feita, sua classe e sua posição (nela própria). Através de viagens alarga-se seu conhecimento do mundo externo, mas o qual é de pouco proveito, quando não já se recebeu através de aulas um certo exercício preliminar. Portanto, quando se diz deste ou daquele, ele conhece o mundo: assim entende-se por isto, que ele conhece o homem e a natureza.

### 3.

Com os sentidos começamos nossos conhecimentos. Eles nos dão a matéria, a qual, a razão confere apenas uma forma conveniente. A base de todos conhecimentos está, portanto, nos sentidos e na experiência, sendo a última ou a nossa própria ou uma estranha (ou melhor, desconhecida).

Deveríamos nos ocupar, talvez, apenas com nossa própria experiência, mas como esta não chega a (re)conhecer tudo, na qual o homem, em consideração do tempo, passa (vive) apenas por uma pequena parte da própria, assim pode ele mesmo experimentar pouco, mas a respeito do espaço, quando ele logo viaja, ele próprio não está em condições de observar e perceber muito (muita coisa): assim precisamos nos servir também de experiências necessárias e desconhecidas. Entretanto, estas precisam ser confiáveis, e como tais, as experiências escritas registradas são preferíveis às apenas oralmente manifestas.

Nós alargamos, portanto, nossos conhecimentos através de notícias, como se nós próprios tivéssemos vivido todo mundo passado. Alargamos nosso conhecimento do tempo presente através de notícias de terras desconhecidas e distantes, como se nós próprios vivéssemos nelas.

Mas tome-se nota disto: toda experiência desconhecida é nos comunicada, ou por narrativa (conto), ou por descrição. A primeira é a História, a outra a Geografia. A descrição de um só lugar da terra chama-se topografia. A Corografia pode significar a descrição de uma região e suas particularidades. A Orografia, descrição destas ou das montanhas. A hidrografia, descrição das águas.

Nota: Aqui se fala do conhecimento do mundo e, por conseguinte, também, de uma descrição de toda a Terra. O nome Geografia é, portanto, tomado, aqui, não por outro, senão, pelo significado corrente.

#### 4.

O que diz respeito ao plano da desordem: assim precisamos indicar para todos nossos conhecimentos seu lugar particular (ou característico). Mas precisamos indicar um lugar para nossos conhecimentos empíricos, ou sob os conceitos (ou idéias, ou noções), ou conforme ao tempo e ao espaço, onde eles realmente são encontrados.

A divisão (classificação) dos conhecimentos de acordo com os conceitos (ou idéias, ou noções) é a lógica, porém, de acordo com o tempo e o espaço, é a divisão física. Através da primeira obtemos um sistema natural; em contrapartida, através da última, uma descrição da natureza geográfica.

Eu digo por exemplo: o tipo de gado (bovino) é contado sob o gênero dos animais quadrúpedes ou também sob a espécie destes animais com cascos separados: assim isto é uma classificação, a qual eu faço na minha cabeça, portanto, uma classificação lógica. O sistema natural é como que um registro do todo, onde eu coloco todas as coisas, cada uma, na posição a ela pertencente, podendo elas já se encontrar sobre a Terra em diversas regiões, e distantes uma(s) da(s) outra(s).

Segundo a classificação física, porém (pelo contrário), as coisas são consideradas justamente segundo os lugares (ou posições), os quais eles ocupam sobre a terra. O sistema indica o lugar (ou posição) dentro da divisão de classes. Porém, a descrição da natureza geográfica aponta os lugares, onde essas coisas são realmente achadas sobre a terra. Assim são, por exemplo, o lagarto e o crocodilo, no fundo, são o mesmo animal. O crocodilo é apenas um lagarto monstruosamente grande. Mas, os lugares são diferentes, onde este ou aquele se detém sobre a terra. O crocodilo vive dentro do Nilo, o lagarto sobre a terra, também conosco. Em geral consideramos aqui a cena da natureza, a própria terra e as regiões, onde as coisas realmente serão encontradas. No sistema da natureza, porém, não é perguntado pelo lugar de nascimento, mas sim pelas formas (ou configurações) semelhantes.

Contudo deveria se chamar os sistemas da natureza, os quais até então foram escritos, mais corretamente talvez de agregados da natureza, pois um sistema já coloca antecipadamente a idéia do todo, da qual a variedade das coisas é deduzida. No fundo ainda não temos absolutamente nenhum sistema natural. Nos chamados sistemas do tipo existentes, as coisas são apenas compiladas e ordenadas uma a outra.

Nós podemos chamar ambas, História e Geografia, também de uma descrição uniforme, mas com a diferença, que a primeira é uma descrição do tempo, a segunda uma descrição segundo o espaço.

Portanto, a História e a Geografia alargam nossos conhecimentos em relação ao tempo e ao espaço. A História atinge os acontecimentos, os quais, em consideração do tempo, se sucederam um atrás do outro. A Geografia atinge fenômenos (ou aparições, ou manifestações), os quais, em consideração do espaço, aconteceram ao mesmo tempo. Conforme os diferentes objetos, com os quais a última se ocupa, ela recebe diversos nomes. Em consequência disto, ela se chama logo Geografia física, matemática, política, logo, moral, teológica, literária ou mercantil.

A História daquilo, que aconteceu em tempos diferentes, e qual é a verdadeira História, não é nada mais que uma contínua Geografia, daí ser uma das maiores deficiências históricas, quando não se sabe, em qual lugar algo aconteceu, ou qual condição teve com isso.

A História é, pois, diferente da Geografia apenas em consideração ao espaço e ao tempo. A primeira é, como, uma notícia dos acontecimentos, os quais sucedem um sobre o outro, e tem relação com o tempo. A outra, porém, é uma notícia dos acontecimentos, os quais se passam um ao lado do outro no espaço. A História é uma narrativa, a Geografia, porém, uma descrição. Eis porque podemos ter (também) uma descrição da natureza (natural), embora nenhuma História da natureza (natural).

A saber, esta última denominação, como ela é usada por muitos, é totalmente incorreta. Mas, porque nós geralmente, quando apenas temos o nome, com ele também

acreditamos ter a coisa: assim ninguém, então, pensa nisso, de realmente fornecer uma tal (semelhante) História da natureza (natural).

A História da natureza contém a variedade da Geografia, como foi, a saber nos diversos tempos (com isso), mas não, como é agora ao mesmo tempo, pois isto seria precisamente a descrição da natureza. Expõe-se, por outro lado, os acontecimentos da natureza inteira, assim como ela foi arranjada através de todos os tempos, então fornece-se, e apenas só aí, uma chamada História natural (ou da natureza) verdadeira (ou correta). Pondera-se, por exemplo, como as diferentes raças de cães se evadiram de um tronco, e quais mudanças se sucederam com eles por meio da diversidade de país (ou terra), de clima, de reprodução etc. através de todos os tempos: assim, isto seria uma História natural (ou da natureza) dos cães, e uma tal poderia ser fornecida para cada parte isolada da natureza, por exemplo, sobre as plantas e outras coisas assim semelhantes.\*) No entanto ela tem a dificuldade, que precisar-se-ia adivinhá-la mais através de experimentos, do que se deveria estar em condições de dar de tudo uma informação exata. Pois a História natural não é por nada mais jovem que o próprio mundo, porém não podemos nem, desde a origem da arte da escrita, responder pela veracidade das nossas informações.

Mas a verdadeira filosofia é perseguir a variedade e diversidade de uma coisa através de todos os tempos. Se pudéssemos transformar os cavalos selvagens dos estepes em cavalos mansos, eles seriam muito duráveis. Observa-se, que o burro e o cavalo provêm de um tronco e que esse cavalo selvagem é o cavalo do tronco, pois ele tem orelhas compridas. Assim também, é, mais longínquo, a ovelha semelhante à cabra, e apenas o tipo de cultura faz aqui uma heterogeneidade. Assim também é com o vinho e semelhante.

Se estudássemos o estado da natureza, averiguando-se quais mudanças ela sofrera através de todos os tempos: assim, este procedimento (ou método) daria uma verdadeira História natural. O nome Geografia significa, portanto, uma descrição da natureza (ou natural), e precisamente de todo o mundo. Geografia e História completam a extensão total dos nossos conhecimentos; a Geografia, a saber, a do espaço, a História, porém, a do tempo.

Nós adotamos (ou aceitamos) geralmente uma Geografia velha (ou antiga) e uma nova, pois Geografia existiu por todos os tempos. Mas o que estava antes aí, História ou Geografia? A última está no fundamento (ou na base) da primeira, pois os acontecimentos precisam se ligar a algo. A História está em um contínuo progresso; mas as coisas também se transformam e dão em certos tempos uma bem (ou inteiramente) outra Geografia. A Geografia é, portanto o substrato. Temos, então, uma História velha (ou antiga), assim precisamos ter naturalmente também uma Geografia velha.

Conhecemos bem a Geografia do tempo presente. Ela serve entre outros objetivos elucidar a História. Somente nossa Geografia escolar é muito deficiente (ou insuficiente), embora nada é mais capaz de clarear o entendimento (a razão ou o intelecto) humano do que justamente a Geografia. Pois, visto que o entendimento (ou a razão) comum (ou vulgar) se relaciona com a experiência: assim não lhe é possível, sem conhecimento da Geografia, se estender sobre apenas um razoável e considerável modo. Para muitos as notícias de jornal são algo muito indiferente. Isto porque eles não podem (ou conseguem) colocar as notícias em seu lugar. Eles não têm nenhuma visão (ou opinião) sobre a terra (ou o país), o mar e de toda a superfície da terra. E, porém, quando, por exemplo, é anunciado algo da viagem dos navios para o mar glacial, isto é uma coisa extremamente interessante, porque esta é, sem dúvida, agora dificilmente, a mais esperada descoberta ou também, apenas, a possibilidade da passagem pelo mar glacial. Há dificilmente uma nação, na qual o entendimento (ou a razão) se estendeu tão no geral e até sobre as mais baixas classes do povo, como é o caso dos ingleses. Causa disto são os jornais, cuja leitura pressupõe uma extensa noção de toda superfície da terra, porque senão todas notícias ali dentro contidas nos são indiferentes, enquanto delas não sabemos fazer nenhum uso. Os peruanos são ingênuos (ou de índole ingênua), que tudo o que lhes é oferecido, colocam na boca, porque eles não estão em condições de compreender, como

poderiam fazer um uso conveniente disto. Essas pessoas, as quais não entendem (ou melhor, sabem) utilizar as notícias de jornal, porque não têm nenhum lugar para elas, encontram-se como estes pobres peruanos, quando não em um mesmo, assim, pelo menos, em um caso muito semelhante.

5.

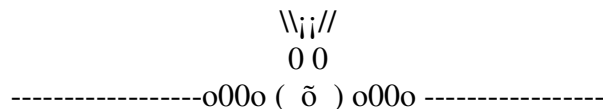
A Geografia física é, portanto, um esboço geral da natureza, e porque ela não é (ou forma) somente a base da História, mas sim, também, de todas as possíveis Geografias restantes: assim, as partes principais de cada uma delas precisariam ser objeto de nossa atenção:

1. A Geografia matemática é tratada a partir da forma (ou configuração), tamanho e movimento da terra, assim como da sua relação com o sistema solar, no qual ela se encontra.
2. A Geografia moral, na qual é falado dos diversos costumes e caracteres dos homens a partir das diversas regiões. Quando, por exemplo, na China e sobretudo no Japão, a morte do pai é castigo como nos moldes do mais medonho crime, que, não somente se tortura o próprio malfeitor do modo mais cruel até a morte, mas sim, também, se mata toda sua família, e todos seus vizinhos, os quais moram com ele em uma rua, se leva em custódia detida (ou seja, à prisão). É que acredita-se, que um tal vício, muito dificilmente, pode ter nascido de uma vez, mas sim apenas pouco a pouco; daí, por isso, os vizinhos teriam já o teriam visto anteriormente e poderiam denunciá-lo as autoridades. Por outro lado, na Lapônia, isto é tomado por uma distinta obrigação de amor, quando o filho, durante a caça, mata o pai ferido com um tendão do animal de caça, daí que, a mesma é confiada, também, sempre, ao seu filho amado.
3. A Geografia política. Quando o primeiro princípio (ou axioma) de uma sociedade burguesa é uma lei universal, assim como, uma força irresistível na transgressão da mesma, mas porém as leis se aplicam (ou se relacionam com) sobre a natureza (ou condição, qualidade) do solo e dos habitantes: assim, a Geografia Política faz igualmente parte disto, ao mesmo tempo que ela se funda totalmente sobre a Geografia física. Se os rios na Rússia desembocassem ao sul: assim, isto seria para todo o reino de um proveito excelente, porém agora eles deságuam quase todos no mar glacial. Na Pérsia havia durante um longo espaço de tempo dois regentes, cuja sede (ou posição), um tinha em "Ispahan" (cidade no Irã), porém o outro em "Kandahar" (cidade no Afeganistão). Eles não podiam se dominar mutuamente, pois nisto o deserto Kerman situado entre eles, o qual é maior que muito mar, impedia-os.
4. A Geografia mercantil. Um país da terra tem aquilo em abundância, do que um outro precisa totalmente carecer: assim é obtido por meio do comércio em todo mundo uma condição (ou estado, situação) uniforme. Aqui, portanto, é preciso ser notificado, porque e de onde um país tem aquilo em abundância, do qual um outro precisa carecer. Mais do que qualquer coisa, o comércio tem refinado os homens e estabelecido suas relações mútuas.
5. A Geografia teológica. Como os princípios teológicos, segundo a diversidade do solo, sofrem mudanças muito substanciais (ou essenciais): assim é preciso ser dado a este respeito a informação precisa (ou necessária). Se compara, por exemplo, somente a religião cristã no Oriente com a no Ocidente, e, aqui como lá, as nuances ainda finas da própria. Ainda mais forte, isto sobressai em seus princípios (ou axiomas) das substancialmente (ou essencialmente) diferentes religiões.

Além disso torna-se preciso de ser notado aqui, os desvios (ou as divergências, as declinações) da natureza na diferença entre juventude e velhice, e mais isto, o que é característico (ou particular, singular) de cada país. Por exemplo, os animais, todavia, não os do país, a não ser que, eles tivessem, também, outras condições em diversos países. Assim, o rouxinol, entre outras coisas, não canta há muito tempo tão forte na Itália como nas regiões nórdicas. Em ilhas desertas, os cães nem latem.

A utilidade (ou proveito) deste estudo é muito extenso. Ele serve para modificações úteis (ou oportunas) de nossos conhecimentos, para nosso próprio prazer e

oferece rico material para conversas sociais.



## ESPAÇO E TEMPO EM KANT

O espaço é intuição pura, a priori. É um suposto que o homem coloca à sua experiência com os objetos, mas é absolutamente independente da experiência; não podemos ter experiência de nada senão no espaço. O espaço não deriva da experiência e também não é um conceito. O conceito compreende uma multiplicidade. O conceito de homem, por exemplo, é a unidade mental sintética daqueles caracteres que definem todos os homens. Ao contrário do conceito, a intuição toma conhecimento diretamente de uma individualidade: o espaço é único; é intuição pura.

Igualmente, é porque a representação do tempo lhes serve de fundamento que a simultaneidade ou sucessão das coisas pode ser percebida; as coisas e os fatos não existem sem o tempo, mas o tempo existe sem as coisas. Também o tempo é a priori, ou seja, independente da experiência. Algo acontece porque no decurso do tempo esse algo vem a ser. Podemos conceber o tempo sem acontecimentos, mas não um acontecimento sem o tempo.

O tempo também não é conceito, porque não existem muitos tempos: o tempo, como o espaço, é intuição.

Em sua filosofia, Kant reformula o racionalismo, ao demonstrar que o conhecimento a priori, próprio da razão pura, pode originar-se também da experiência, e isto porque a experiência envolve elementos que são intuições puras, a priori, e estas são principalmente as intuições de espaço e tempo.

Dá um golpe mortal no realismo ao olhar o mundo material como fruto da intuição sensível. Os objetos do mundo material são fundamentalmente incognoscíveis: do ponto de vista da razão eles servem meramente como a matéria prima da qual as sensações são formadas. Os objetos eles mesmos não tem existência, e o espaço e o tempo existem somente como partes da mente, como "intuições" pelas quais as percepções são medidas e julgadas.

Importância relativa entre espaço e tempo. O Espaço e tempo são "supostos" como condições de conhecimento, condições que, partindo do sujeito, precisam realizar-se para que o objeto seja efetivamente objeto do conhecimento. Esses supostos Kant chama "condições transcendentais da objetividade". Espaço e tempo seriam, assim, duas condições sem as quais é impossível conhecer, mas são formas de sensibilidade, por isso Kant os trata na Estética Transcendental.

O espaço é a forma da experiência ou percepções externas; o tempo é a forma das vivências ou percepções internas. Porém, ao mesmo tempo que eu percebo a coisa sensível, tenho, além de sua percepção como coisa externa, a sua "percepção" interna, dando-me conta de que a percebo. Por conseguinte, o tempo tem uma posição privilegiada em relação ao espaço, porque é forma da sensibilidade externa e interna, com referência a objetos exteriores e a acontecimentos interiores, abrangendo assim a totalidade das vivências possíveis.

Compilado por Cobra, Rubem Q. - Immanuel Kant. Página de Filosofia Moderna, Geocities, Internet, 1997.